

Igreja Batista Monte Horebe
Pastoral: 14-08-2011
Autor: PR. Edson B. Valeriano

PARA QUE SERVE UM PAI!?

“Escrever para mãe é uma beleza, porque mãe é unanimidade e certeza. Os poetas não escrevem para o pai, pois esgotaram toda sensibilidade escrevendo para as mães. Os pintores fizeram a imagem da mãe com o filho no colo, não sobrando espaço nem para sombra do pai. As músicas cantam sempre o esplendor da mãe, do chinelo na mão ao avental todo sujo de ovo. O pai, não é lembrado nem como vilão. Quando se trata da mãe, qualquer manifestação artística vira obra-prima. Quem ainda cuida do pai, com carinho – e que carinho! – é a cobrança de pensão!

Nossa civilização, machista no poder, mas de alma sentimental, optou pela ternura da mãe, deixando o pai na reserva estratégica do afeto. Até o comércio, tão astuto nas comemorações de datas emocionantes, não sabe o que fazer para exaltar a figura do pai. Nas crises conjugais da sociedade moderna, a mãe é cultuada como detentora do equilíbrio no impasse da família. A própria justiça, na busca da estabilidade familiar, delega às mães o “pátrio poder”, retirando do pai até a semântica. Os governos atuais optaram pela mãe. Ela recebe o cartão de benefícios sociais e a chave da casa própria – no CDHU de São Paulo, SP – com escritura só no nome da mulher. A mãe é a certeza da maternidade e **o pai é o talvez do DNA**. Falar do pai é um espinho, porque participa no filme social sempre como coadjuvante, quando seu desejo é viver o papel de mocinho. Pai é como noivo: somente é observado depois que todo mundo já encheu os olhos com a graça da noiva. O pai é quase um excluído nos valores sociais, mas ainda luta para tornar-se uma imagem que venceu o vulto.

O pai é a peça chave nos bastidores, porém ninguém sabe, ***porque a mãe está sempre ativa nos palcos das emoções***. O “status” de pai vive uma imensa crise de credibilidade. Metade, pelos fatos. A outra metade, pelas versões. O pai é um parceiro necessário, uma ternura estranha, mas navega na contradição do anoitecer, ***pois está sempre preocupado em antecipar o amanhecer, na ânsia de ver os filhos caminhando sozinhos!*** Está certo que a mãe é apenas tudo. ***Mas o pai é o brinquedo que chega, o bom humor da ausência, a visita que faz festa***. Tudo bem que o pai pode ser um trapalhão descartável. E como é que fica depois da briga no crepúsculo do entardecer da vida, a troca de pneu, o carregamento do botijão de gás, a saudável divergência que faz crescer? O pai é a lágrima calada, o silêncio que esconde sua fragilidade, a luta permanente, para vencer a fortaleza interior sugerida pela mãe ao filho homem. O pai é o maior injustiçado na literatura universal. Mas chegará o dia em que a humanidade descobrirá que o pai é na verdade uma verdadeira mãe!!!.”(Reedição de 2003) - Adaptado.